

AURORA DE BARCELLOS

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Administrador,
J. M. LOPES DE CARVALHO

Editor,
FRANCISCO JOSÉ DA SILVA

Redacção, administração e Typographia—Rua duque de Bragança, n.º 30—Barcellos

CRIMES

No jornal «*A Lagrima*» disseram que sabiam quem era o auctor de cortes de arvores, do derrubamento de pedras no adro dos Terceiros e do deslocamento de urinoes.

Ao snr. administrador, á Camara e á mesa da Ordem Terceira cumpre obrigar o auctor de tal escripto a fazer as respectivas declarações, á cerca de taes actos de malvadez.

Melhor teria sido que aquelle jornal publicasse o nome do individuo inermado.

E' um caso importante, que não deve lançar-se ao desprezo, para interesse de todos os Barcellenses e por decôr d'aquellas corporações e da auctridade administrativa.

Sabendo-se quem foi que praticou aquellas acções de vandalismo, è preciso que seja castigado.

Quando um jornal assim faz uma declaração de tão grande alcance, colloca-se de forma que merece a consideração de todos; mas è preciso completar a obra: venha a publico o nome do criminoso. Este artigo continuará a ser publicado no nosso jornal, enquanto as pessoas e corporações para quem appellamos não se dignem cumprir o seu dever de honra.

A todos dedicamos estima e consideração; mas não podemos nunca deixar de protestar contra quem faça ouvi-

dos de mercador a casos de esta ordem.

Esperamos não ter occasião de lançar mão da penna contra pessoas que muito prezamos.



AUTOPSIA AOS MISERAVEIS

Este nosso jornal estabeleceu uma secção de piadas, em que arreliava o proprietario e creio que tambem redactor do jornal «*A Lagrima*».

A Lagrima sahiu-se com um artigo, que, em resumo, dizia assim:

Ainda é vivo quem cortou as arvores do Campo da Feira, destruiu as columnatas do adro dos Terceiros e derrubou ou deslocou os urinoes, etc...

Em seguida á publicação d'este escripto, que é manhoso, sendo a manha na imprensa uma cobardia, propalou-se por ahi que este artigo visava o redactor do nosso jornal.

Em virtude de lhe chegar aos ouvidos estes zuns-zuns, intimou, nas columnas da *Aurora*, o jornal *A Lagrima*, para que declarasse o nome do individuo que praticou taes actos de malvadez, afim de ser punido pela justiça, mas a *Lagrima* calou-se e deixou-se fi-

car enrolada na sua repugnante capa de aggressora cobarde e miseravel! Calou-se como o criminoso, que commette um crime, se cála e agacha para que os tribunaes o não castiguem! Calou-se!... Escondeu a mão traiçoeira como a esconde o cobarde vil e infame, que atira a pedra, e não quer affrontar com a responsabilidade!

Miseria! infamia! traiçoeiro escreva, que na peçonha eivas-te o teu cerebro das malignidades do inferno!

Venêno és tu, nojenta estampa do diabo tranquiiberneiro!...

És venêno, és lama, não tens pudôr n'essas tuas faces de cobarde e negregado assaltador da dignidade dos outros!

D'uma vez para sempre, fica sabendo que isto è carne de gente e não carne de suínos, em cujos bichos melhor operas!

Guarda a lancêta, que ella só abre feridas com a calumnia, a que tem dado logar a tua falta de criterio, a tua baixa condicção e a absoluta carencia de civilidade!

Uma bêsta, um boi, admitte-se que dê um couce; não se lhe corta a pata, mas é julgado como animal defeituoso; é um defeito que rebate o seu merecimento; porém é um animal, não é um homem!...

Um ente humano que atira, que ferra, que é condiscipulo das feras, que é irmão gêmeo da traição, rival da rapôza, um verdadeiro sêr peri-

gôso, como deveremos julgá-lo?

Homem sem principios, homem sem chá, homem besta, homem que carece de basta trancada, homem diabo!...

A *Voz Publica*, por meio de correspondencias anonymas, veio corroborar o dito da *Lagrima*, expondo aos quatro ventos o nome do redactor do nosso jornal, como auctor das alludidas barbaridades, que em tempo se praticaram n'esta villa!

Eu, meus senhores, não posso deixar de encarar as cousas por este prisma: quem foi que deu o lamiré? foi a *Lagrima*.

Quem tocou a peça? foram os musicos.

Se foi cobardia dizer na *Lagrima* que sabia quem foi o auctor dos crimes em questão e não lhe publicar o nome, logo que foram instados para isso, maior cobardia, maior infamia, é ir, quem quer que fôsse, para um jornal, anonymamente, satisfazer ás instancias que fizemos.

Essas instancias não foram satisfeitas, um anonymo, occultando-se bem, não è personalidade que satisfaça ás nossas reclamações.

Desmascare-se esse individuo, surja-nos de frente a frente, cruze com a nossa a sua espada, de combatente leal, se é que a tem, que para um homem até é bonita a propria morte no campo da honra!

Deixêmos as encrusilhadas dos sitios êrmos, em noutes de horrôr, para os bandidos!

Calce-se a luva; arremesse-se o vil punhal ás insondaveis profundêzas d'um abysmo!

Na mesma *Voz Publica* foi attingido o snr. administrador do concelho e sua ex.^{ma} espo-

sa com infamias, que só eram pagas com um tiro n'um ouvido!

O proprietario do nosso jornal tambem foi apodado de desviador de dinheiro do rancho, quando era militar; mas, para resposta a essa calumnia, este nosso amigo convida, a quem queira tirar-se de duvidas, para que se digne vir examinar a sua caderneta, para cujo fim a tem sempre na sua livraria—(antiga livraria Valle).

Miseraveis anonymos, se nós vos descobrisse-mos, por certo um bom marmeleiro castigaria vossos erros; mas, infelizmente, no vento não podemos saciar os nossos desejos.

Conjecturas poderemos fazer; mas tomal-as na conta de certeza, julgamos isso grande responsabilidade para nossa consciencia, pelo que ireis vivendo impunemente.

Lamentamos tambem que a *Voz Publica* se tenha submettido a um papel tão indecorôso.

Assim, nem Christo estava livre de o irem buscar ao Céu e de o cruxificarem outra vez!

Contamos que para o futuro não terão os anonymos jornaes que lhe deem logar a expellir a sna bába fétida.

Nós escrevemos n'este jornal e na sua redacção declarar-se-ha sempre o nome do auctor de qualquer escripto.

Os anonymos guardem as suas orêlhas, que nós se viermos a descobri-l-os, elles terão que responder no tribunal das nossas unhas, *embotadas ou por embotar*.



FESTA A SANTA LUZIA

Na Igreja do Terço, d'esta villa, realizou-se uma festa em honra de Santa Luzia.

Para o anno de 1902 a 1903, a commissão, para a veneração d'aquella santa, é composta dos seguintes cavalleiros:

Padre Bonifacio Elias Barboza Lamella,
João Rodrigues de Faria,
Luiz Antonio Alves,
Manoel Pereira da Quinta,
João Candido da Silva,
Joaquim José d'Azevedo.

A festa de Igreja, este anno, para a qual cooperaram todos os da commissão foi feita com esplendor e brilho.

Foi prégador o Revd.^{mo} Coreixas, que é môço, mas já com justos créditos de bom orador. Agradou muito.

A festa de arraial foi em tudo dirigida pelo snr. Joaquim Martins.

Alguns membros da commissão quizeram impôr-se contra a vinda dos tamborileiros á festa; mas o snr. Martins uzando da energia, que sempre tem nas suas iniciativas, teimou, e bem ufano pode estar por isso; pois que foi a nota mais alegre do festejó.

Houve gente que barafustou contra o barulho que fizeram ao romper da aurora!

O maior numero applaudiu.

Para saudar o romper da aurora, não è com nenhum berimbáu que isso se faz, è com musica estrondosa, è com valentes urros de morteiros, e, para melhor, se possivel fôr, è com o barulho dos canhões.

Para outra vez, se eu esti-

vesse no logar do snr. Martins, havia de mandar vir a artilheria de Elvas; e então é que os queixosos de agora tinham de ficar com os ouvidos aterrados!

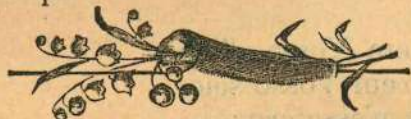
Santa Luzia é advogada da vista, nada tem com o ouvir!

E' caso para dizer:

*Amo tanto este barulho,
este som encanta a gente,
o zabumba, bem tocado
é poetico, attrahente!*

Não é só o snr. Martins; tambem ha poetas que se inspiram ao som do bumba-bumba.

D'aqui a pouco, tambem as damas tocarão bombo nas salas e a elite valsará ao seu toque.



Procurador Regio

Veio assistir ao estabelecimento do posto anthropometrico, n'esta comarca, o illustre Procurador Regio da Relação do districto.

Sua ex.^a tanto a chegada como á despedida, na estação, teve um lusido e selecto acompanhamento.

Hospedou-se na casa do meritissimo Delegado, que é um primoroso exemplo de rectidão e justiça, no meio da multidão do funcionalismo publico.

O snr. Delegado tem sido d'um cuidado incansavel para com o estabelecimento do pósto.

O distincto medico e apreciavel cavalheiro, snr. Dr. Cardoso, prestou-se a dirigir aquelle pósto, gratuitamente, e pela mesma forma, tambem o snr. Julio Valongo concordou em prestar os seus serviços como photographo, em cujos trabalhos, como amador, tem bastante merito.

Agradecemos o delicado convite que o ex.^{mo} snr. Delegado nos fez para assistirmos á inauguração do alludido pósto.



COMPANHIA DOS PHOSPHOROS

Um homem, dos que se occupam na passagem de lumes de pau, appareceu, no hospital d'esta villa, com uma bala introduzida n'uma perna.

São conhecidas as contendas, que é de costume haver entre aquelles passadores e o pessoal da fiscalisação.

A companhia limitou aquelle pessoal a um pequeno numero, acontecendo, muitas das vezes, que um empregado só, n'um sitio ermo, tenha de fazer frente a um bando de passadores, que sabem andar munidos de armas e fazer fogo sobre os empregados.

N'um caso d'estes, quando haja um ferimento, vão lá saber qual foi o seu auctor!

Em regra, todos tem aversão aos fiscaes; mas, sendo nós justos e apreciando os factos com verdadeira imparcialidade, concluiremos que elles são homens que tem a cumprir os seus deveres, e que para ter direito aos seus ordenados, quantas e quantas vezes, arriscam a sua vida.

A companhia andaria acertadamente se nomeasse o pessoal necessario para fazer frente aos passadores, de forma que elles se intimidassem pelo numero.

Terminamos, dizendo que, em vista de passadores e fiscalisação andarem armados, não podemos affirmar ou deixar de affirmar que a bala fosse de tiro dado pelo proprio passador, por seus companheiros ou pelos fiscaes.

Os bandos de passadores cos-

tumão trazer na sua frente um pesquisador rufião, que é cognominado Gandúla.

A companhia tem poucos empregados; mas os fabricantes tem batalhões, tambem armados, com commandantes e respectivas vedetas.



ALLUSÃO

Eu já n'um dia te tive ajoelhada,
A meus pés, rapariga, por segundos;
Mas não soube os segredos tens profundos,
Porque não eras minha confessada...

O cura, se nos visse assim, diria
—Persignando-se até c'os crispos dedos—
Que tu me confessavas os segredos
Que só elle por Deus, absolveria.

E talvez invejoso verberasse
A tua santa e humilima attitude,
A' conta de concelho e de virtude,
Quando aos pés d'elle, o cura, te pilhasse.

E te impozesse até, por penitencia,
P'ra livrar-te de mim e dos infernos,
Passares sem me ver dias eternos,
Sofridos por amor... com paciencia...

Mas n'isso se enganava o santarrão:
—Tu, se a meus pés humilde te ajoelhavas,
Era porque, a pedido, me pregavas...
Na manga do casaco só um botão.

Freixo, 10—10—902.

Justino Vianna.



José da Costa Silva Leitão

Bernardio e Otilia

(Continuado do n.º 12)

CAPITULO III

—Pois se era; eu não sei; eu por esse não pedi; lá foi o nosso abbade que arranjou isso.

—Mas o meu, sr. Antoninho, como ha de sêr? disse o homem

aflicto.

—Espere, que ainda se pode livrar pelo numero; adeus, logo fallamos.

O regedor foi ter com os seus dois protegidos que pertencendo a familias differentes lhe rasgaram a velha sobrecasaca porque ambos os felisões queriam ter o gosto de que elle lhes fizesse companhia no jantar a que iam dar principio. Por fim concordaram em irem todos para a estalagem da Vicenta, porque de outra forma o snr. Antoninho, toda a roupa que trazia lhe seria esfacelada, em vista das *puchadellas* que d'um e d'outro lado recebia.

Mais tarde disse-me a minha creada, que quando elle viu a sobrecasaca rasgada e que apesar de ser *prehistorica*, tinha alli acabado os seus dias, exclamara muito enternecido:

—Ai meu Deus! Lá foi a minha rica sobrecasaca que tinha sido o *objecto* de maior veneração por parte dos meus antepassados! Agora que Diabo trarei eu quando forem as eloições?

—Uma mascara na cara, lhe respondeu alguem de fóra e que eu calculo ser o pae do descontente.

(Continúa)



A "Aurora de Barcellos,"

aos seus estimaveis assignantes e dedicados collaboradores

BOAS-FESTAS.

Cançãoeiro:

Se o mar dà beijos à areia,
Se o orvalho beija a flor,
Se tudo que ama se beija
Vou-te beijar meu amor.

Da *Lucta de Bouças*:

ORAÇÃO

Toda formosa sois, Virgem de Amores,
E sem peccado como a *Conceição*...
Sois a Estrella de Magos e Pastores,
Bordão de peregrinos já com flores
No conto, inda em botão...

Sois a Esperança dos Desilludidos
E a agua do que em sede se consome,
Consolação dos Vencidos,
Sustento dos que teem fome...

Ora eu descrei, já perdi o alento;
Com fome e sede me morro. Assim,
Vos peço amparo, força e alimento...
Orae por mim!

Aquecei a minh'alma em Vosso olhar,
Guardae meu coração em Vosso seio,
Cruxificae meu corpo n'essa cruz
De Vossos braços fortes e predeio,
Senhora do Lar,
Amem, Jesus!

João da Rocha.



NATAL

Para os corpos banhar de luz e graça, Deus
fez rutilar o Sol
na abobada dos céus.

Para as almas encher de graça e amor e luz,
como um doce pharol,
Deus fez nascer Jesus.

Lisboa.

Alfredo da Cunha.